

A ilusão de um novo modelo energético sem competição geopolítica

Ninguém irá facilitar a transição energética como os europeus e ocidentais querem, por muitos apelos que façam ao bem comum da humanidade e à sobrevivência do planeta.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 26 de setembro de 2022

1. Não tenhamos dúvidas quanto ao futuro: a transição energética para um modelo sustentável é necessária. É inquestionavelmente crítica para a sobrevivência do planeta e da humanidade. Todavia, imaginar essa transição livre de sérios riscos geopolíticos e que levará, num futuro à volta de 2050, a uma nova economia verde emancipada da competição da geopolítica, é usar um mapa mental simplista e inadequado.

Muito do que se diz e escreve hoje sobre a transição energética, mesmo quando apoiado numa sólida investigação científica, é algo que apenas nos dá uma visão parcial do que provavelmente será o futuro. Isso não ocorre apenas pela dificuldade, perfeitamente compreensível, em prever o devir, como pelo facto de os próprios avanços da ciência implicarem, regularmente, uma revisão de conhecimentos que eram, num determinado período, dados como certos.

Mas ocorre também porque, usualmente, a investigação científica na área energética – em questões como os impactos dos materiais usados, ou na modelização do impacto das emissões de gases poluentes – isola tais questões do mundo real da geopolítica. Quer dizer, trata a geopolítica (ou melhor, subestima-a quase sempre), como se fosse um factor exógeno secundário. Tudo se resolveria depois com apelos dramáticos aos governantes mundiais gerando vontade política para defender o bem comum global (infelizmente, demasiado *wishful thinking*).

2. É observável o problema anteriormente notado desde que as questões ambientais começaram a entrar na agenda política mundial. Pelo menos desde o Protocolo de Quioto (1997) que deveria ser claro que, quaisquer medidas globais para enfrentar as alterações climáticas, iriam ter de ultrapassar profundas divergências geopolíticas e encontrar formas pragmáticas de entendimento, ou então falhariam.

Hoje, em 2022, para além da guerra da Ucrânia que opõe o Ocidente à Rússia, estamos num mundo marcado pela competição e rivalidade EUA-China. Todavia, muito antes de a rivalidade sino-americana ter a dimensão que tem hoje – e numa altura em que até havia fundamentalmente a ideia de existir uma proximidade cooperativa entre ambos –, a geopolítica já arruinava o alcance de acordos ambientais internacionais.

Os EUA recusaram-se a ratificar o Protocolo de Quioto, sobre emissões de gases com efeito de estufa, por não quererem assumir obrigações e custos para a sua economia que não existiam, desde logo, para a China. Esta, como país em desenvolvimento, estava isenta de medidas obrigatórias nesse tratado ambiental.

3. A gravidade do problema ambiental para toda a humanidade contém, também, importantes incentivos para a cooperação, desde logo para as grandes potências que são, simultaneamente, os maiores poluidores do planeta. Foi isso que levou os EUA, com o Presidente Barack Obama, a chegar a um acordo sobre as emissões de gases poluentes com o Presidente chinês, Xi Jinping, em 2014, o qual abriu caminho ao Acordo de Paris no ano seguinte.

No entanto, a deterioração das relações sino-americanas a partir de 2017, primeiro com Donald Trump, agora com Joe Biden, colocou seriamente em causa essa cooperação. Para além disso, há uma crescente competição mundial (que tem também aspectos positivos no estímulo à inovação) ligada à transição para uma nova economia verde e tudo que ela implica: painéis solares, turbinas eólicas, produção de veículos eléctricos em massa, baterias de lítio, infra-estruturas adequadas em lugares públicos, empresas, casas, etc.

Como ocorre sempre que há profundas transformações económicas e tecnológicas – e neste caso estamos mesmo a falar de uma transformação de enorme magnitude e com múltiplas ramificações na vida humana –, haverá vencedores e vencidos, podendo emergir uma nova hierarquia de poder mundial. Os cálculos actuais sobre o futuro são, por isso, determinantes para compreender o comportamento político das grandes potências e o que se perspectiva.

4. Apesar da retórica ambiental europeia sobre liderar a transição para uma economia verde, é a China que se perfila como potência dominante no novo modelo energético. Para além do objectivo de melhorar o bem-estar ambiental e humano, ambiciona chegar a uma autonomia estratégica económico-político-militar, algo para o qual o domínio da energia é crucial.

Ao contrário dos EUA – que têm uma posição fortíssima no actual modelo de energia, pela sua produção mundial de topo em combustíveis fósseis –, a China tem tudo a ganhar, em termos ambientais e políticos, ao acelerar a transição energética e dominar o novo modelo energético. Actualmente, não tem autonomia energética em matéria de combustíveis fósseis, sendo vulnerável a choques energéticos.

O mesmo se pode dizer quanto a possíveis sanções, por exemplo, devido a acções militares contra Taiwan, similares às aplicadas à Rússia. É necessário notar aqui que a China antecipa (e bem) que o novo modelo energético dependerá do acesso a minerais de terras raras cuja produção controla largamente nesta altura. (Assim, criará uma nova

vulnerabilidade aos europeus e americanos). Esse será um crucial factor de poder na futura economia verde.

Por isso, os ingredientes para uma fortíssima competição geopolítica estão já instalados. Se actualmente os EUA dispõem de clara vantagem pelos seus enormes recursos energéticos, a passagem para uma economia sem combustíveis fósseis é a grande oportunidade de a China fazer ruir esse poder e se tornar dominante.

5. Para além da competição em curso pelos elementos de terras raras, onde os EUA e a União Europeia se tentam posicionar o melhor possível, contrariando as vantagens da China, há os problemas geopolíticos ligados ao actual modelo de energias fósseis que vão persistir.

Apesar do discurso usual na União Europeia ser relativamente optimista nos prazos, a perspectiva é de uma longa transição para fontes de energia renováveis, consoante os países e áreas do mundo consideradas. Nesta altura, mais de 4/5 da energia consumida globalmente continua a ter origem em combustíveis fósseis, petróleo, gás natural e carvão.

O facto de se perspectivar um futuro bastante diferente em matéria de fontes de abastecimento energia, não significa que as disputas geopolíticas, as dependências energéticas e os choques de abastecimento vão desaparecer, nem que as economias nacionais e as empresas tenham de deixar de se preocupar com eles. O mais provável é estarmos a caminhar para um “admirável mundo novo”, parafraseando o conhecido título da distopia de Aldous Huxley (*Brave New World*, 1932). Nele, os velhos problemas da economia baseada nos combustíveis fósseis vão interligar-se, durante 20, 30, ou mais anos, com os novos problemas da economia verde, dos quais apenas temos, nesta altura, uma vaga percepção.

6. Por último, há um problema incontornável: a geopolítica dos combustíveis fósseis vai persistir como um dado maior no mundo e atormentar os europeus. Parafraseando o escritor norte-americano, Mark Twain, as notícias da “morte da OPEP” e da sua importância geopolítica foram exageradas.

A OPEP, agora na versão alargada da OPEP+, onde os tradicionais grandes produtores não OPEP, como a Rússia, coordenam com esta a produção e exportação, vai continuar a ter grande poder. Mas a geopolítica da transição energética aproxima, também, cada vez mais, a Rússia da China.

Para além da oposição de ambas as aos EUA / Ocidente – e para além do desprezo pela democracia liberal –, há interesses que se completam na área da energia. A Rússia precisa de novos mercados que contornem o Ocidente e a China de abastecimento energético em grandes quantidades e a baixos preços. Tudo isso são más notícias para a União Europeia. Terá de preparar-se para um longo período onde os grandes países

exportadores de combustíveis fósseis vão querer maximizar os seus ganhos, algo que os conflitos geopolíticos favorecem, ainda mais, pelos aumentos dos preços.

Ninguém irá facilitar a transição energética como os europeus e ocidentais querem, por muitos apelos que façam ao bem comum da humanidade e à sobrevivência do planeta. Visto aos olhos do resto do mundo é um apelo com tonalidades de hipocrisia de sociedades de ricas, e de quem, até há pouco tempo, mais poluiu e destruiu o planeta.

<https://www.publico.pt/2022/09/26/mundo/analise/ilusao-novo-modelo-energetico-competicao-geopolitica-2021776>